A INCLUSÃO DA PERSPECTIVA DE GÊNERO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL: PERSPECTIVAS DA ATIVIDADE JORNALÍSTICA NOS CURSOS DE PONTA GROSSA

Bruna Aparecida Camargo (PIBIC/ CNPq /UEPG), Karina Janz Woitowicz (Orientadora), e-mail: karinajw@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Jornalismo.

Área de Conhecimento:
Comunicação Sub-área: Jornalismo e editoração

Palavras-chave: Jornalismo, estudos de gênero, ensino, formação superior

Resumo
A presente pesquisa teve como base a análise de manuais e guias de orientações para exercício da atividade jornalística relativos às questões de gênero. Foram analisados oito documentos disponíveis na internet com enfoque de informar, conscientizar e promover a reflexão no meio jornalístico e assim contribuir para a produção de notícias que sejam alicerçadas no respeito, igualdade de gênero, diversidade e direitos humanos. Também fazem parte da análise iniciativas online que possuem o objetivo de incentivar o exercício da profissão visando a equidade de gênero. Foram consideradas para a pesquisa apenas guias, manuais e demais documentos nacionais que tivessem como público alvo jornalistas, estudantes de jornalismo e demais profissionais da área da comunicação. A pesquisa teve como ponto de partida o papel do jornalismo para superar as desigualdades e gerar reflexões.

Introdução

Sabe-se que as notícias contribuem para o modo como as relações de gênero são compreendidas por cada pessoa (CERQUEIRA, 2008). Isso porque, como aponta Márcia Veiga da Silva (2010), a mídia e consequentemente as produções jornalísticas exercem influência na sociedade, ao atuarem em um papel “educativo” e “didático”. Com o intuito de fazer com que jornalistas possam repensar sobre a cobertura midiática existente e contribuir para o surgimento de produções mais igualitárias e inclusivas, surgiram entidades que atuam em defesa da igualdade de gênero, especificamente no trato que a mídia oferece sobre essa temática.

As questões de gênero aparecem indiretamente nos currículos dos dois cursos de Jornalismo de Ponta Grossa (Faculdades Santa Amélia e Universidade Estadual de Ponta Grossa), tanto no ensino, como pesquisa e extensão. Assim, os manuais trabalhados na pesquisa se constituem como uma alternativa para preencher a lacuna da abordagem de gênero na formação. A primeira parte da pesquisa tratou da identificação dessas iniciativas, em que foram levantados os seguintes grupos, coletivos e instituições: Coletivo de Jornalistas Feministas Nísia Floresta, Rede Mulher e Mídia, Instituto Patrícia Galvão, Geledés - Instituto da Mulher Negra, Think Olga – empoderamento feminino por meio da informação. Posteriormente à coleta de informações sobre essas entidades e suas atividades, a pesquisa se dedicou ao mapeamento de documentos produzidos no Brasil por

grupos que trabalham com a relação entre gênero e mídia e por entidades profissionais do Jornalismo.

O levantamento de manuais, guias e documentos de entidades profissionais do Jornalismo e de ONGs que atuam em defesa da igualdade e da diversidade de gênero nas coberturas noticiosa permitiu abordar a importância da perspectiva de gênero na formação profissional, além de contribuir para a uma cobertura noticiosa mais inclusiva e livre de estereótipos e preconceitos. A importância da coleta e análise desse material explica-se principalmente porque são orientações produzidas por entidades com uma preocupação em relação à forma como a mídia aborda as questões de gênero

Materiais e Métodos

Os manuais com foco na área jornalística encontrados foram:
1. “Guia de Gênero, Raça e Etnia para Jornalistas”, produzido pela ONU Mulheres e Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) em 2011. A versão em PDF e em aplicativo tem o objetivo de auxiliar jornalistas e estudantes de jornalismo a fazer a cobertura de temas através do recorte de gênero, raça e etnia e incorporar essa prática no cotidiano do exercício da profissão.
2. O Manual de Comunicação LGBT elaborado pela Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais pretende incentivar uma cobertura jornalística que contempla a diversidade sexual. Seu principal objetivo é reduzir o uso inadequado e discriminatório de termos que afetam a cidadania e dignidade da população LGBT e daqueles(as) que estão à sua volta.
3. Em julho de 2014 foi publicado pelo Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social o guia “Mídia e Direitos Humanos”. O documento também disponibiliza um calendário de pautas, guia de fontes, glossário, além de exemplos de reportagens e inciativas que abordam a equidade de gênero, como o Instituto Patrícia Galvão. Filmes e vídeos que contribuem para o debate das questões de gênero também são indicados.
4. A ONG feminista criada em abril de 2013, Think Olga, produziu o Minimanual do Jornalismo Humanizado, dividido em cinco edições. Fazem parte dessa pesquisa a primeira edição sobre violência contra mulher, terceira que aborda o racismo, a quarta edição sobre estereótipos nocivos e a última sobre a questão LGBT. Torna-se válido destacar também que no site da Think Olga há aba “Entreviste uma Mulher” [1], um banco de dados em que se pode digitar o assunto que se pretende trabalhar para encontrar as fontes. As informações do banco de dados também são indexadas pelo Google. Dessa forma, qualquer jornalista ou veículo de comunicação também pode encontrar essas fontes mesmo que não conheça o projeto.
5. O Geledés - Instituto da Mulher Negra também foi identificado durante a pesquisa. O site traz sazonalmente artigos sobre a cobertura midiática. Além disso, também foi publicado um minimanual pessoal para uso não sexista da língua.
6. O Manual para uso não sexista da linguagem foi produzido pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul, através da Secretaria de Políticas para as Mulheres. São nove capítulos, foco na linguagem, expressões e termos utilizados.

[1] Disponível em: http://thinkolga.com/2014/08/20/entreviste-uma-mulher/ Acesso em 13 de agosto de 2017.

Resultados e Discussão

Para trabalhar com os resultados da análise dos manuais e guias, foram identificados pontos em comum entre eles, com a intenção de facilitar a discussão sobre seu conteúdo. Os assuntos recorrentes foram: linguagem (no âmbito gramatical e na explicação de conceitos de termos), estereótipos (que também diz respeito a padrões normativos e imagem objetificada da mulher), escolha de fontes (pluralismo e também a importância da representatividade), invisibilidade e preconceito. É importante destacar que a violência, em suas mais diversas faces, foi pautada, direta ou indiretamente, em todos os documentos analisados. Outro debate que está presente em vários manuais diz respeito às questões de raça. Trata-se de um tema que se relaciona com os assuntos em comum supracitados uma vez que não há com falar em raça e não discutir a invisibilidade, os estereótipos, através da hipersexualização da mulher negra e expressões errôneas como “mulata”.

Mais detalhadamente sobre os pontos em comuns identificados, o primeiro, sobre linguagem, sustenta-se principalmente na importância e necessidade de uma linguagem inclusiva e uso de termos que sejam livres de preconceitos e a imprensa atente-se para expressões utilizadas. Como por exemplo, não chamar estupro de sexo, feminicídio de crime passional, lésbicas ou travestis de gays, não se referir à transfobia como homofobia, entre outros. Os manuais em geral fornecem, de maneira clara e objetiva, a definição e explicação de termos, ao trabalhar com os conceitos de gênero, sexualidade e sexo biológico, por exemplo.

O segundo assunto identificado foram os estereótipos. Os documentos utilizam-se de exemplos e casos equivocados para mostrar como a mídia tem o poder de contribuir para a reprodução de estereótipos ou a diminuição deles. Outros estereótipos descontruídos nos materiais analisadas se referem à objetificação da mulher, descrição de mulheres sob um modelo masculinizado de sucesso, padrões eurocêntricos de beleza, etc.

A escolha de fontes, especialmente no que diz respeito à importância e necessidade do pluralismo das fontes de informação, que significa maior chances de representatividade, é abordada em vários manuais. Além disso, além do exemplo de guia de fontes no site da Think Olga, a terceira parte do seu minimanual de Jornalismo Humanizado, que aborda o racismo, também informa sobre o banco de dados “Entreviste um negro”, disponibilizando o link para acessá-lo. O site do Coletivo de Jornalistas Feministas Nísia Floresta de Curitiba, no Paraná, também desenvolveu a opção na aba “pergunte a elas”, em que a pessoa pode enviar mensagem na busca de fontes mulheres.

A questão da invisibilidade aparece no argumento, presente em alguns documentos, de que as pautas sobre a equidade de gênero muitas vezes são ignoradas pela mídia em geral. Essa temática aparece nos documentos quando se discorre sobre o fato de que em várias situações a mídia utiliza o termo “gay” para se referir a todo público LGBT. Nessas situações, lésbicas e bissexuais, por exemplo, são invisibilizadas.

A última temática em comum identificada foi de preconceito. A maneira como as mulheres são representadas pela imprensa pode banalizar a desigualdade de gênero e reforçar o preconceito. “A representação da mulher nos meios de comunicação estabelece identidades individuais e coletivas e fornece possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (CARNEIRO, 2011, p.73). Assim, a mídia, ao constituir identidades, fomenta as opiniões do público, que tem como uma das referências as representações

reproduzidas pela imprensa. Exemplo disso são o preconceito aqueles(as) que estão fora dos padrões impostos, acarretando práticas como a gordofobia.

Na tentativa de suprir a falta de tratamento sobre a temática de gênero durante a formação, essas entidades produzem materiais com recomendações aos(as) jornalistas para que as produções sejam cada vez mais livres de estereótipos e contemplem a diversidade. Dessa forma, os documentos e iniciativas apresentadas são meios de trabalhar com as questões de gênero, especificamente nos cursos de Jornalismo de Ponta Grossa que fizeram parte desse trabalho. Durante a pesquisa, identificou-se que a temática está disposta de maneira ampla na estrutura curricular dos cursos, com uma abordagem mais direta na pesquisa e extensão. Tratam-se, portanto, de conteúdos elucidativos, com exemplos negativos e positivos, com uma linguagem clara e direta e de fácil acesso.

Conclusões

A realização dessa pesquisa permitiu evidenciar a necessidade de trabalhar com as relações de gênero nos cursos de Jornalismo, de modo a contribuir para a redução de estereótipos e desenvolver o trabalho jornalístico respeitando as diferenças, por meio de reportagens inclusivas e que promovam o debate sobre gênero. Sabendo do impacto direto que as questões de gênero possuem na sociedade e o papel da mídia, em especial do Jornalismo, ao propagar as representações de gênero, a pesquisa apontou que os manuais com enfoque em gênero se estabelecem como maneiras de incluir a temática nos cursos de Jornalismo de Ponta Grossa (Secal e UEPG), tanto no ensino, pesquisa e extensão. Logo, essa pesquisa teve como pressuposto que a formação do(a) jornalista está diretamente ligada às influências que recebe para o exercício da profissão.

Agradecimentos

Agradeço à Universidade Estadual de Ponta Grossa, por possibilitar o desenvolvimento desse estudo. À professora Karina, por todo apoio, incentivo e por me ajudar a descobrir o meu apreço à pesquisa. Gostaria de agradecer também à Fundação Araucária e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que incentivam e possibilitam o progresso científico.

Referências

CARNEIRO, Adriana Jacob. Gênero e mídia: a cobertura do Dia Internacional da Mulher. 2011.200 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, Salvador. 2011. Disponível em: http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/8679 Acesso em 11 ago. 2017

CERQUEIRA, Carla Braga. A Imprensa e a Perspectiva de Gênero. Quando elas são notícia no Dia Internacional da Mulher. Universidade do Minho, Portugal. Observatório (OBS*) Journal, 5 (2008), 139-164.

SILVA, Márcia Veiga da. Masculino, o gênero do jornalismo: modos de produção das notícias. 2010. 250 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25629/000753018.pdf?sequence=1 Acesso em 2 abr. 2017